



CIÊNCIAS DA RELIGIÃO: DE QUE MESMO ESTAMOS FALANDO?*

SCIENCES OF RELIGION: WHAT IS IT ABOUT?

Antônio Gouvêa Mendonça

Doutor em Ciências Sociais.

Professor titular no Programa de Mestrado em Ciências da Religião da
Universidade Presbiteriana Mackenzie.

* Aula Inaugural do 1º semestre de 2003 do curso de pós-graduação em Ciências da Religião da
Universidade Presbiteriana Mackenzie, em 3 de fevereiro de 2003.

RESUMO

Este artigo, originalmente uma aula inaugural, busca estabelecer as bases desejáveis de um curso de Ciências da Religião. Para isso, tenta estabelecer a distinção entre religião e instituição religiosa, entre religião como objeto de ciência e como teologia e, por fim, desenhar o objeto e o método das Ciências da Religião.

PALAVRAS-CHAVE

Ciências da religião; Teologia; Instituição religiosa.

ABSTRACT

This article was originally an inaugural class and intends to establish the desirable bases for a course of Sciences of Religion. We try to establish the distinction between religion and religious institution, religion as a scientific object and as theology and, finally, to draw the subject and the method of the Sciences of Religion.

KEYWORDS

Sciences of religion; Theology; Religious institution.

Pode parecer fora de tempo tratar deste assunto, isto é, da identidade deste novo curso da Universidade Presbiteriana Mackenzie, quando o primeiro semestre de aulas já transcorreu e já defrontamos com as primeiras monografias que desafiaram os alunos com temas até então ignorados, ao menos quanto ao modo de abordá-los. Além disso, projetos de estudo e pesquisa já são encaminhados para o preparo de uma futura, mas não distante, dissertação de mestrado.

Pode parecer fora de tempo, mas não é. No transcorrer do semestre que findou, muitas perguntas podem ter-se

formado nos alunos. Oriundos de diversas áreas de conhecimento, todas elas pretendem ter objetos e métodos bem definidos como ciência ou disciplina autônomas, agora encaram uma proposta que por ora não oferece nenhuma definição de si mesma. Para os alunos que vêm dos estudos teológicos, a questão por vezes se torna ainda mais inquietante: qual o lugar da Teologia nessa, para nós, relativamente nova área de estudos? Trata-se da relativização ou mesmo negação da Teologia tal como nos legou a tradição? Se, para os não ligados à Teologia, as Ciências da Religião constituem curiosidade, para os seus cultores e profissionais pode chegar a graves inquietações.

Pressupondo que essas curiosidades e inquietações já surgiram no primeiro semestre de estudos, o tema desta aula inaugural é mais que oportuno. Oxalá, portanto, que este professor designado para ministrá-la esteja à altura da necessidade do momento, ao menos de levantar os problemas principais, porque solucioná-los é para poucos. A não-solução das múltiplas e relevantes questões subjacentes ao tema deve ser encarada como natural na ciência, principalmente nas Ciências Humanas, mormente quando deparam com temas que passam com frequência pelas ciências dos valores ou do espírito.

Não esperem, portanto, de mim que lhes diga com todas as letras e definitivamente o que é isto que chamamos de Ciências da Religião. A pergunta está feita e, ao fazê-la, já defronto com um grave problema de concordância gramatical: não sei se uso o plural ou o singular, isto é, a ou as, é ou são, pois que a primeira grande controvérsia gira em torno da possibilidade de uma ciência autônoma da religião, neste caso uma Ciência da Religião, ou de um simples conjunto de disciplinas, cada uma delas autônoma em relação às outras, mas convergentes quanto ao objeto, neste caso Ciências da Religião. Adotada essa segunda alternativa, como na maior parte das vezes o é no Brasil, o problema da concordância continua e para não trabalhar com uma forma gramatical rebarbativa usamos a forma plural: as Ciências da Religião que, com maiúsculas, indicam um conjunto não por semelhança, mas por convergência.

Há, porém, outras formas para designar essa controversa área de conhecimento que é a religião. Fala-se em Ciências das Religiões, como se intitula o livro de Giovanni Filoramo e Carlo Prandi (1999), recentemente publicado no

Brasil, onde não há discussão sobre essa questão. E parece uma questão de escola e tradição. Há hoje cinco cursos no Brasil, sendo que quatro adotaram o nome de Ciências da Religião. Parece que os dois primeiros a serem fundados, o da Umesp e o da PUC-SP, seguiram a tradição francesa das *Sciences Religieuses* e os demais, talvez sem crítica, seguiram a mesma trilha. Estou falando dos cursos homologados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e que, portanto, são do meu conhecimento.

Temos, desse modo, trabalhado no Brasil com o conceito de Ciências da Religião, mas não como o conceito de certeza em relação a outras possibilidades, mas por adequar-se melhor às nossas circunstâncias e peculiaridades.

1. OS ESTUDOS DE RELIGIÃO NO BRASIL

Embora desde o século XIX e princípios do século XX alguns intelectuais e alguns deles, como Gilberto Freyre, acadêmicos de formação, tenham dedicado alguma atenção ao tema da religião, defendendo quase sempre a tese do sincretismo, esse assunto só ganhou a especificidade da pesquisa na universidade a partir da presença de Roger Bastide (1898-1974) na Universidade de São Paulo.

Bastide deu *status* acadêmico e científico ao estudo da religião, abordando-a sob os ângulos da antropologia, da sociologia e da psicologia. Como seguidores imediatos de Bastide podem ser citados Maria Isaura Pereira de Queiroz e Duglas Teixeira Monteiro, ambos com seus estudos sobre movimentos messiânicos no Brasil. Além desses, Cândido Procópio Ferreira de Camargo e Beatriz Muniz de Souza, aquele com sua preocupação com a realidade cultural da religião no Brasil, essa com seu trabalho pioneiro sobre o pentecostalismo.

Tratando-se de pioneirismo, a fundação por Duglas Teixeira Monteiro, no interior do antigo Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, do Centro de Estudos de Religião (CER) é um marco que deve ser assinalado (1975). Com o falecimento de Duglas Teixeira Monteiro, o CER teve continuidade sob a liderança de Lísias Nogueira Negrão, sendo sua diretoria sempre compartilhada por pesqui-

sadores da USP e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP. Mais tarde, em homenagem ao seu fundador, o CER passou a se denominar Centro de Estudos de Religião Duglas Teixeira Monteiro. Além de Lísias Nogueira Negrão, distinguem-se hoje na USP, no Departamento de Sociologia, Antonio Flávio Pierucci e José Reginaldo Prandi, embora em outros departamentos, como no de Antropologia, alguns professores estudam e aceitam projetos de pesquisa em religião. O mesmo acontece na PUC-SP no Programa citado.

É sabido que a universidade brasileira, instituição bem recente na história do país, pois não se conta ainda um século desde a fundação da primeira (USP, 1934), foi, até pouco, reticente e mesmo resistente ao estudo da religião por causas já estudadas de várias maneiras. A aceitação da religião como tema de estudo e pesquisa, a partir do pioneirismo de Bastide, foi lenta, mas progressiva. Hoje, linhas de pesquisa e pesquisadores são encontrados praticamente em todas as universidades, principalmente nas públicas, mas nestas, com exceção da Universidade Federal de Juiz de Fora, não há centros unificados de ensino e pesquisa em religião, embora possam ser encontrados grupos, núcleos e centros exclusivos de pesquisa.

As universidades confessionais têm sido o *locus* preferencial dos centros unificados de pesquisas em religião, conforme já referido, mas o que importa é que a religião ganhou *status* acadêmico definitivo na universidade brasileira, contando hoje com produção intelectual e científica de peso. Exatamente por isso, essa área de conhecimento chegou ao momento de sua auto-avaliação e crítica. Limites, categorias, conceitos, objeto e método, ainda dependentes de teorizações vindas de fora, estão exigindo maior independência teórica e metodológica dadas a variedade e a complexidade do nosso campo religioso. Essa é uma tarefa que desafia o pesquisador brasileiro. Ainda que não desprezemos o “olhar de fora”, é necessário que nos afastemos da excessiva dependência. Não se trata, diga-se, de xenofobia, pois se há algo universal é a ciência. O que quero dizer é que devemos nos defender da “neurose metodológica” e buscar caminhos adequados às peculiaridades do nosso campo de estudos. Isso não exclui os ajustamentos e adaptações de teorias e métodos já consagrados. O que não devemos é aceitá-los *a priori*, isto é, antes mesmo da pesquisa e da organização de dados.

2. ESTUDOS DE RELIGIÃO – OBJETO E MÉTODO

Independentemente do nome que se dê a essa área de conhecimento, seja Ciência da Religião, Ciência das Religiões ou Ciências da Religião, o primeiro problema que se coloca é este: qual é seu objeto? O que se estuda mesmo sob esse ou aquele título?

No Brasil, o problema se torna mais agudo por causa da pressão cultural da Teologia, essa entendida, antes, como formadora profissionalizante de agentes religiosos e, depois, como ciência normativa. Sendo assim, e por não se discutir o objeto, uma área de estudos que não forme profissionais e nem ao menos produza e reproduza normas de conduta, é desnecessária e mesmo perigosa, porque, eliminadas tanto uma coisa como outra, abre as portas para a reflexão e, conseqüentemente, para a crítica. Volto a dizer que esse impasse decorre da confusão objetiva, quer dizer, da falta de definição do objeto.

Nesta altura, muitos podem naturalmente perguntar: mas, em se falando de religião, seja desse ou daquele modo, não estamos tratando de Deus? (estamos falando de cristianismo, é claro). Não tratam as Ciências da Religião e a Teologia do mesmo objeto, que é Deus? A resposta é não. Essa é a grande questão, causadora de mal-entendidos, receios e resistências. Vou tentar esclarecer esse ponto essencial, ainda que não vá aqui a pretensão de dar um ponto final à questão. Apesar da longa tradição de estudos de religião que a Europa possui, ainda hoje lá se discute a relação entre Teologia e Ciências da Religião, às vezes ainda com paixão.

É necessário, não obstante, enfrentar o problema, porque estamos e trabalhamos num curso de Ciências da Religião e, se sua proposta não for satisfatória, ao menos ficaremos cientes do problema que não é exclusivamente nosso. Não podemos, portanto, fugir dele.

Eu disse que o objeto da Teologia e das Ciências da Religião não é o mesmo. Mas tenho agora de complicar um pouco mais a coisa. Vou arriscar-me a usar a doutrina aristotélico-escolástica para mostrar de que maneira Deus é e não é objeto da

Teologia, e de que maneira Deus é e não é objeto das Ciências da Religião. Reconheço que, no caso, a doutrina hilemórfica é um tanto rústica porque, de modo metafórico, vou aplicar os conceitos de corpo e matéria a Deus, o que é, desde logo, absurdo. Deus não é corpo nem matéria. Mas, só para entender, suponhamos que seja. Assim, Deus na sua concepção essencial seria a matéria da qual surgem as múltiplas formas. A Teologia, então, seria um esforço de aproximação dessa matéria última e que se revela de modo parcial segundo os objetivos e necessidades dela mesma, desde que é impossível conhecer a Deus como ele é, como ele mesmo diz. O objeto da Teologia é, portanto, Deus. A Teologia é uma ciência de Deus. A tradição que nos veio trouxe consigo uma Teologia metafísica e, por consequência, dedutiva a partir dos grandes princípios da revelação escrita e mesma da natureza, embora às vezes esta seja considerada uma revelação secundária.

A Teologia metafísica tem sido contestada como ciência, especialmente depois das propostas de Francis Bacon (1561-1626) e Thomas Hobbes (1588-1679), veiculadas com insistência no século XIX, quando as diversas ciências da natureza e da sociedade vão desenhando no cenário filosófico os novos caminhos do empirismo. A tradição metafísico-dedutiva vai perdendo espaço para o empirismo indutivo. Nesse mesmo cenário surgem propostas para uma Teologia indutiva, científica portanto, especialmente no atraente espaço da Teologia liberal. O movimento do Jesus histórico é um bom exemplo desse esforço, assim como o movimento da Escola da História das Religiões com Harnack e Troeltsch. Tratarei disso logo adiante.

A história do pensamento teológico no Brasil protestante, não de um pensamento original, mas de sua reprodução, apresenta-nos um paradoxo, prega-nos uma dessas peças históricas. A Teologia de Princeton, responsável pela formação dos primeiros missionários presbiterianos enviados ao Brasil e revelada nos currículos dos passos iniciais do ensino teológico entre nós, tinha, como se sabe, uma proposta indutiva no seu método, que se apoiava na teoria filosófica escocesa do senso comum. Essa teoria afirmava que tudo aquilo que era aceito por muitas pessoas e por muito tempo tinha foro de verdade. Assim, as narrativas bíblicas, exemplo perfeito dessa tese, eram

por si mesmas verdadeiras. Oriundas da experiência secular de Deus por parte de um povo escolhido, permitiam, de modo incontestável, induzir os princípios gerais da Teologia. Ao modo da ciência do seu tempo, os princetonianos propunham para a Teologia o caminho de ida e volta, o inverso da tradição clássica. Contudo o que prevaleceu no ensino teológico no Brasil foi a tradição da Teologia metafísica.

Em resumo, a Teologia, seja ela dedutiva (metafísica) ou indutiva (empírica), é uma ciência de Deus. Seu objeto é Deus. É bom recordar, nesse ponto, que o conceito de ciência aplicado à Teologia não é consensual, ao menos no sentido comum de ciência. Aplico o conceito ressaltando a idéia de que é ciência, porque se trata de um conhecimento organizado, sistemático e com objeto e método próprios. Ora, se a crítica à Teologia como ciência parte da alegação de que seu objeto é incognoscível, pergunta-se se as demais ciências, mesmo as estritamente empíricas, conhecem integral e perfeitamente seus objetos. O grau maior ou menor desse conhecimento não justifica a exclusão da Teologia do rol das ciências.

Todos esses argumentos foram construídos para definir o objeto da Teologia. Voltemos agora às Ciências da Religião. Qual é mesmo o objeto das Ciências da Religião? Apesar da obviedade da resposta, pois que o próprio nome já resolve o problema, as coisas precisam ser explicadas. Usando a teoria hilemórfica, com ousadia e temeridade, após identificar metaforicamente matéria com Deus, agora uso forma para trabalhar o conceito de religião. De modo um tanto simplificado, mas adequado aos fins deste artigo, religião são as variadas e mesmo infinitas formas com que Deus se expressa no mundo, na história e no cotidiano das pessoas. As Ciências da Religião estudam não Deus, mas suas formas de expressão, em resumo, nas pessoas e na cultura. Nesse ponto, Ciências da Religião se distinguem da Teologia, porque não cogitam de questões a respeito de Deus, como sua existência e natureza. Estudam efeitos e não causa.

Mas há outra questão a esclarecer nesta altura: é a religião instituída, cujo exemplo tácito são as igrejas, objeto das Ciências da Religião? A tendência das Ciências da Religião é de responder negativamente. As instituições religiosas são veículos da comunicação religiosa, mas não são a religião em si

mesma. Elas sistematizam e divulgam por meio de seus agentes – ministros, teólogos, intelectuais etc. – o conteúdo da fé expresso pelos profetas e aceitos e assimilados pela cultura nas formas de conduta. As instituições religiosas são efeitos sociais das formas de expressão de Deus anteriores a ela e, como tais, são objeto de estudo da história, da sociologia, da antropologia e de outras ciências que têm por objeto as manifestações humanas perante o sagrado.

Apesar disso, certos estudos e pesquisas entre nós continuam confundindo religião com instituições religiosas, quando estas são ato segundo em relação àquelas. Roger Bastide, assim como outro reformado como ele que ensinou na Universidade de São Paulo, o historiador Émile-G. Léonard, não mostrou em seus estudos sobre religião interesse primordial pelas igrejas, mas pelas expressões religiosas e suas formas. No máximo, procuraram conhecer, freqüentando, as igrejas novas, nas quais a fé religiosa ainda não estava rigorosamente sistematizada e sob disciplina. Concluindo, é necessário, em Ciências da Religião, distinguir religião como forma de crença e seus efeitos culturais e sociais, da religião instituída, objeto das ciências que estudam as instituições sociais.

Até aqui tratei do objeto das Ciências da Religião. Agora vem a questão do método. Descartemos desde logo os famosos preconceitos metodológicos de saber antes de tudo que método consagrado usaremos e, mesmo, qual teoria clássica instrumentalizaremos em nosso estudo ou pesquisa. Os métodos foram caminhos que cientistas famosos percorreram em suas pesquisas, mas ninguém é obrigado a segui-los. Entretanto, é inegável que o objeto faz pressão sobre o método e certos caminhos consagraram-se, pela natureza do objeto, como os mais adequados. Então, se não devemos nos submeter à servidão, a este ou àquele método, não devemos, por isso, necessariamente descartá-los.

Então, se estou falando de Ciências da Religião, portanto de um conjunto de disciplinas que, pela autonomia de cada uma delas, têm suas formas peculiares de abordar seu objeto, no caso a religião, como discorrer sobre método? Podemos falar em “um” método? Claro que não posso, mas há alguns parâmetros que devem nortear as Ciências da Religião, particularmente quando constituem núcleo concentrado e

independente dentro do sistema de ensino e pesquisa, como é o caso dos cursos de pós-graduação. O interesse em estudar religião está muito ligado a alguma experiência religiosa anterior, seja positiva ou negativa, fator que traz de imediato à tona a questão da independência metodológica do pesquisador, isto é, da neutralidade científica, ao menos até onde isso é possível. Os chamados, por exemplo, religiosos sociólogos têm sido vistos com suspeita a partir da falsa premissa de que não trabalham com a necessária neutralidade. Esquecem-se os críticos, entretanto, que os estudos científicos da religião tiveram origem nas obras de religiosos. E muitos dos atuais têm a mesma procedência. Este é o primeiro parâmetro, portanto: esforço e cuidado na direção da maior neutralidade possível. Outro cuidado, e este já mais ligado ao método propriamente dito, é limitar-se sempre ao campo das formas de expressão de Deus e jamais entrar em seduções valorativas. Os valores não devem “ser para mim”, mas “ser para o objeto”. As formas de expressão de Deus, como dissemos, são antes de tudo empíricas e depois teóricas, na medida em que se aproximam das expressões sistemáticas e dogmáticas. O parâmetro aqui é nunca tentar explicar ou justificar Deus. Isso não é papel das Ciências da Religião, porque Deus não é seu objeto.

Se estou falando em formas de expressão de Deus, sejam empíricas ou teórico-sistemáticas, o método, ou caminho, pode ser considerado em dois sentidos: a partir da experiência sociocultural para chegar ao sistema dogmático ou vice-versa. A sociologia do conhecimento ajuda-nos a compreender bem essa questão. Posso partir dos fatos para chegar às idéias e explicá-las, ou partir delas para entender os fatos. Em todos esses momentos, a razão última de todo esse procedimento, que é Deus, deve estar cuidadosamente preservada “entre parênteses” como se procede no método fenomenológico.

Observados esses parâmetros básicos, o da neutralidade possível e o da circunscrição do estudo e da pesquisa à expressão empírica de Deus e sua sistematização e dogmática, poderão as disciplinas cujos objetos convergem para a religião eleger seus próprios caminhos.

3. UM CASO PARTICULAR DE RELIGIÃO: A MÍSTICA

A mística não produz uma religião propriamente, porque não chega a sistematizar suas experiências. A mística é uma atitude individual, em que se busca uma experiência de Deus de caráter imediato. A experiência mística não depende, e evita mesmo depender, de mediações religiosas, sejam institucionais e sacerdotais, dogmáticas ou éticas. Os místicos, ou melhor, alguns místicos, relatam suas experiências, seus caminhos para Deus. Produzem, às vezes, belíssimas páginas de devoção, mas que são, no ato de leitura, já mediadas. Não percorremos o mesmo caminho do místico que as escreveu. A experiência continua sendo dele e não nossa. Portanto, o Deus da experiência mística, individual por natureza, não se oferece a nenhum tipo de aproximação científica, nem mesmo à teológica. Nenhuma teologia estriba-se nesse tipo de experiência, embora seja ela das mais legítimas.

Os relatos de experiência mística, embora exponham facetas fascinantes e importantes de Deus, não oferecem sustentação para as Ciências da Religião. Não é possível fazer ciência da experiência mística, porque ela não produz efeitos sociais e culturais, não tem expressão coletiva. Na sua inteireza, ela começa e se extingue no sujeito da experiência. Mesmo o argumento de que existiram e existem comunidades místicas, tanto no cristianismo como em outras religiões, particularmente nas orientais, não invalida o fato de que não passam de experiências ampliadas individuais e que, com certeza, nem mesmo podem ser compartilhadas de modo absolutamente idêntico pelos membros de um mesmo grupo.

No cristianismo, a mística surgiu logo em suas origens, mas se desenvolveu particularmente na Idade Média, principalmente com Mestre Eckhart (1260-1327) e seu discípulo João Tauler (1300-1361). Após a Reforma, a mística continuou na Igreja Católica. Tem sido quase consensual que a racionalidade e o pragmatismo protestantes sufocaram, em seu seio, a prática da mística. Entretanto, estudo recente e ainda não publicado de Luís Dreher, da Universidade Federal de Juiz de Fora, mostra que, ao menos na Alemanha, desenvolveu-se,

ou melhor, permaneceu, uma mística própria no seio do protestantismo luterano. Sem dúvida, e antes de qualquer aprofundamento, as razões dessa permanência residem no próprio misticismo de Lutero, leitor reconhecido de Tauler e da anônima Teologia germânica. É meu desejo que Dreher avance em seus estudos e os publique, o que nos será muito útil para melhor conhecimento de um aspecto do protestantismo que nos venha a favorecer na revisão do entranhado conceito de racionalidade que se atribui ao protestantismo.

Todavia esses argumentos não impedem que a mística tenha seu lugar nas Ciências da Religião, embora ela não possa, por si mesma, oferecer subsídios para, de modo direto, ajudar a construir o objeto das Ciências da Religião. Mas o estudo da mística é útil e deve mesmo merecer um lugar como disciplina subsidiária num curso de Ciências da Religião na medida em que põe em evidência uma forma de auto-exclusão social e de anti-religião. Em certos aspectos, a mística pode ser considerada também uma pré-religião quando as comunidades místicas caminham na direção da sistematização de experiências compartilhadas, mas, antes que isso aconteça, os místicos ou são ignorados pela religião ou são objetivamente combatidos, como aconteceu com Mestre Eckhart, que só não foi condenado porque morreu antes de a Igreja concluir seu processo.

4. AS ORIGENS DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Por amor à objetividade, desejo pôr em evidência quatro pioneiros do estudo científico da religião. Todos eles religiosos e protestantes. Relembramos o que já foi dito no início: o estudo científico da religião surge no período colonial do mundo protestante, de fins do século XVIII até princípios do século XX. Coincide mais ou menos no tempo e na cultura com o reinado da rainha Vitória (1837-1901), em que a Inglaterra tomou-se império colonial e cultural com influência em todo o mundo. Foi a chamada “Era Protestante”.

Houve uma expansão latino-católica na Era dos Grandes Descobrimentos. Por que não surgiram estudos científicos

da religião nesse período? Parece que ao menos por dois motivos: um deles teria decorrido do fato de os agentes religiosos católicos acompanharem os descobridores tão de perto que os poderes se confundiam no exercício da conquista, tanto geográfica como cultural, o que os fazia confundir o inimigo com a religião; o outro teria sido o afã exclusivo de evangelizar, a partir do pressuposto de que os povos conquistados não tinham religião alguma. Não havia, portanto, o que estudar.

No caso da expansão protestante, a missão religiosa não estava necessariamente ligada ao ato de conquistar e exercer o poder político e administrativo, embora seja impossível negar que ela foi elemento forte de imposição cultural, o que implicava reconhecer no “outro” a sua religião, que, por “errada”, devia ser substituída. Para isso, ela tinha que ser entendida. Esse entender interessava de modo direto aos missionários, mas relatos de funcionários coloniais, assim como de exploradores, estudos de antropólogos, sociólogos e historiadores começaram a circular. As religiões “exóticas” passaram a ser estudadas e comparadas na Europa vitoriana, ávida por novos conhecimentos.

Voltemos, então, aos quatro pioneiros que, diga-se logo, no esforço de defender o cristianismo no confronto inevitável com as religiões recém-descobertas, usando com frequência o método comparativo por vezes sobre pressupostos positivistas/evolucionistas, fundaram as Ciências da Religião.

O primeiro deles foi o ministro da Igreja Livre da Escócia William Robertson Smith (1846-1894). Seu biógrafo, Gordon Booth (www.gkbenterprises.fsnet.co.uk/wrs.htm), informa-nos que Smith, ilustre vitoriano, pois que viveu e escreveu na plena vigência da Era Vitoriana, após precoce e brilhante carreira acadêmica, foi nomeado para a cadeira de língua hebraica no Aberdeen Free Church College, em 1870, aos 24 anos de idade. Já reconhecido como um dos mais importantes intelectuais de sua geração, Smith contribuiu com a maior parte dos artigos sobre religião na nona edição da Enciclopédia Britânica (1875-1889).

Um dos artigos de Smith, “Bíblia”, pelas avançadas idéias expostas, incitou logo a ira da ala conservadora da Igreja Livre, que considerou heréticos seus questionamentos a respeito da inspiração divina e literal da Bíblia. A Assembléia

Geral da Igreja Livre processou-o por heresia, mas, em 1880, livrou-se com uma simples advertência. Foi, no entanto, demitido de sua cátedra de hebraico um ano após fazer um resumo de seus artigos publicados na Enciclopédia. Com a morte do editor-chefe da Enciclopédia Britânica, Smith passou a exercer essa função. Nesse ínterim, assumiu postos de professor e terminou como professor de língua árabe em Cambridge. Morreu de tuberculose, doença mortal comum no seu tempo, em 1894, aos 48 anos.

Smith publicou, dentre outras obras, *The Old Testament in the Jewish church* (1881), *The prophets of Israel* (1882) e a mais citada delas, *The religion of the Semites* (1889). As duas primeiras puseram em circulação a “alta crítica”, trazendo novas luzes aos estudos da Bíblia hebraica. A última delas tomou-se texto fundante dos estudos comparativos de religião na antropologia, exercendo muita influência em autores posteriores. Cadeiras de Religiões Comparadas fizeram parte durante muito tempo de currículos em universidades e seminários, mas foram pouco a pouco sendo extintas por causa de suas implicações positivistas e evolucionistas e, particularmente, pela proximidade da “alta crítica”.

Até onde meu conhecimento alcança, distância muito curta, por sinal, Smith é desconhecido entre nós, talvez por sua exclusividade no campo teológico e, além disso, personagem marcante numa teoria muito crítica. Entretanto, é possível que seu nome circule com respeito nos setores da antropologia por vias indiretas, como George Frazer e Mary Douglas. Essa antropóloga inglesa, além do que diz em seu livro *Pureza e perigo* (1976), refere-se a ele na sua Introdução a *O ramo de ouro*, de George Frazer, publicado em português em 1992, exatamente por causa da influência de Smith sobre esse famoso antropólogo da religião. Sir James George Frazer (1854-1941), outro escocês que, embora não tenha sido clérigo, foi criado em ambiente familiar profundamente religioso, ouvindo diariamente leituras bíblicas feitas por seu pai, insere-se nesse grupo de pioneiros em estudos de religião. Frazer é muito conhecido pela vasta obra *The golden bough*, publicada entre 1890 e 1915. Ele mesmo fez um resumo desse trabalho, originalmente escrito em 12 volumes e dedicado “ao meu amigo W. R. Smith”. O tema constante de Frazer é “o deus

imolado”, tomado de Smith, buscando descobrir a unidade original do pensamento religioso, caminhando desde os totens e outros símbolos materiais até a espiritualidade mais pura. Trabalhando numa época em que se buscava com insistência o sentido do absurdo, Frazer alinhava-se também com os estudos comparativos e positivistas/evolucionistas. Apesar da publicação d’*O ramo de ouro* (resumo) em português, Frazer também é pouco conhecido por aqui.

Os outros dois pioneiros foram Adolf von Hamack (1851-1930) e Ernst Troeltsch (1865-1923), eminentes teólogos do liberalismo protestante.

O grande problema da busca de sentido no absurdo, proveniente da cultura vitoriana do século XIX, continua presente na primeira metade do século XX. A Teologia Liberal entra no debate a respeito deste tema crucial: o que é mesmo o cristianismo, qual é a sua essência? Por influência das especulações desenvolvidas por Schleiermacher (1958), Harnack (1980) deu um ciclo de 16 conferências sobre “A essência do cristianismo”, na Universidade de Berlim, entre 1899 e 1900, publicadas em seguida.

Para Harnack, a essência do cristianismo só pode ser captada na história. O que ele queria dizer é que não podemos saber o que é o cristianismo em si mesmo porque só é possível vê-lo nos seus momentos vividos na história humana, nas expressões sociais e culturais da humanidade. É como uma fruta cuja semente é imutável, mas sua aparência externa varia em cor, tamanho e perfume, mas é sempre a mesma fruta. Vê-se que Harnack já trabalhava com o ponto de partida da Escola da História das Religiões. Encontra-se também nele, no seu relativismo histórico, o tema das expressões histórico-culturais das religiões, tese básica das Ciências da Religião.

Troeltsch, por sua vez, num ensaio publicado em 1903, fazia a mesma pergunta: “O que é a essência do cristianismo?”. Troeltsch começa por criticar Harnack por relativizar o cristianismo, restringindo-o simplesmente à sua manifestação histórica como se ele fosse um “epifenômeno”. Troeltsch não nega que a essência do cristianismo só se dá a conhecer na história, como toda religião. Ela, a essência, emerge nos eventos humanos, tanto na cultura do espírito como em algo concreto e caracterizado como elemento normativo. O cristianismo, ainda como toda religião, não se esgota em si, mas, com seu

caráter normativo, influi e condiciona as ações humanas. Desse modo, a diferença entre Harnack e Troeltsch está em que esse avança o pensamento daquele na direção da concretude histórica do cristianismo. Saliente-se que o caráter normativo do cristianismo não significa para Troeltsch normatividade absoluta, mas simplesmente traz em si uma “maior validade”. Como característica da Escola da História das Religiões, Troeltsch sobrealça o método comparativo.

Como toda ciência, as Ciências da Religião continuam, embora em estágios diferentes, a suscitar discussões e mal-entendidos. Sua pluralidade interdisciplinar, sua unicidade epistemológica e suas relações de vizinhança ou de integração com a Teologia são questões que ainda nos desafiam. Mas qual é mesmo a ciência que está, nesta altura, acabada e fechada? Se não há respostas finais em nenhuma das ciências do homem e da natureza, como poderá haver para aquela cujo objeto emana do Absoluto do qual só conhecemos o que ele próprio revela em suas manifestações?

CONCLUSÃO

Por que considero William Robertson Smith, George Frazer, Adolf von Harnack e Ernst Troeltsch fundadores das Ciências da Religião? Porque eles, segundo penso, foram capazes de mostrar com bastante clareza a maneira de abordar a religião como fenômeno humano sem pôr de lado a fé (posta entre parênteses). Aliás, é necessário ter em conta que o objetivo deles, ao se esforçarem por defender o cristianismo das acusações de superstição, acusações que vinham das mentes “educadas” do ambiente cultural da época (lembremo-nos do desejo de explicar o absurdo), era construir uma Teologia científica, como tentou Smith. Não obstante, ao caminhar nessa direção, lançaram as bases do estudo científico da religião.

É possível que algumas pessoas venham se perguntando a respeito do lugar do Curso de Ciências da Religião na Universidade Presbiteriana Mackenzie. É uma pergunta legítima, uma vez que se trata de um curso que se ocupa da religião como objeto científico dentro de uma universidade confessional que assume esse papel com transparência e responsabi-

lidade. Em primeiro lugar, é forçoso reconhecer que essa Universidade, ao aceitar em seu elenco de cursos um programa de pós-graduação em Ciências da Religião, deu um passo adiante na sua relação com a realidade, com a atualidade cultural do Brasil, à semelhança do que vem fazendo ao longo de sua história, pois saber distinguir a cultura religiosa da vivência da fé, estudando-a de maneira científica, é colaborar com a sociedade, para não dizer com o mundo, na organização do conhecimento de um objeto dos mais complexos e importantes para o ser humano. Ao fazer isso, a universidade confessional, como se voltasse a ter as mesmas preocupações dos fundadores das Ciências da Religião, estará mostrando o que o cristianismo realmente é, assim como seu papel na construção do mundo ocidental, evitando que ele se confunda de novo com as velhas superstições. Aliás, não é essa a essência da cultura reformada? E isso só pode ser feito dentro da universidade e com a liberdade acadêmica que lhe é inerente.

Todos sabemos das resistências e receios que esse programa de estudos provoca. Daí nosso desejo de tornar claras, até onde for possível e de maneira honesta e objetiva, a natureza e a índole das Ciências da Religião. Uma das razões da resistência funda-se no conflito latente entre Ciências da Religião e Teologia. Religião como objeto científico não se confunde com Teologia, assim como não a exclui nem desqualifica. A Teologia, no seu caráter dogmático e normativo primordial, é patrimônio da fé e da Igreja, ao passo que, com seu múnus científico e empírico, alia-se, como disciplina autônoma, às Ciências da Religião. Não obstante às vezes se negue possibilidade científica em comparação com a ciência, em geral a Teologia como um saber organizado, sistemático, secular, merece gozar, ao menos, do *status* de sabedoria à semelhança da Filosofia, embora se assentem sobre bases diferentes: esta, sobre a razão em elevado grau; aquela, sobre a excelência da revelação, embora, ao se sistematizar, reclame o auxílio da razão.

A Teologia tem, portanto, duas faces distintas, mas complementares: está voltada ao mesmo tempo para a Igreja, como um saber normativo, e para a ciência, como uma reflexão especial sobre o mundo. Há, por essa razão, quem prefira atribuir à Teologia o caráter de ciência especial.

Outra forma de resistência baseia-se na tradição da Teologia como instrumento exclusivo de formação profissional do

ministério pastoral. De fato, essa é a sua função primordial, mas não é exclusiva. Ela é normativa para a Igreja, porém constitui também uma reflexão constante sobre a realidade do mundo. Ela se volta para o mundo e interpreta-o para a ação da Igreja. A Teologia como reflexão sobre o mundo, ao enriquecer a erudição religiosa, oferece também ao ministério pastoral instrumental útil na construção da ponte entre a Igreja e o mundo.

Um olhar mais atento à estrutura do nosso Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião revelará que sua proposta está voltada para essa idéia de ponte. Essa ponte já existiu ou, ao menos, foi iniciada. Foi derrubada ou parou no meio do rio. Duas idéias, infelizmente consideradas antagônicas, colocaram-nos na situação do mito de Hércules na encruzilhada: ou educar ou evangelizar, quando, de fato, não se trata de nenhuma encruzilhada ou dilema, pois que é da índole do protestantismo não só educar para saber, mas também educar para fazer. O dilema entre educar e evangelizar como excludentes entre si no mínimo tornou tímida a primeira de suas pontas. A Igreja, enquanto tal, não avançou para o mundo, mas procurou trazer o mundo para dentro de si. Guardou para si o sal e o fermento, o que significa a riqueza e a força do seu pensamento para melhorar o mundo.

O nosso programa foi elaborado para atender aos objetivos da Entidade Mantenedora desta Universidade, firmados em sua reunião de 10 de fevereiro de 2001, assim expostos: “[...] preparo de um projeto acadêmico que possa projetar o ensino teológico calvinista reformado além dos arraiais presbiterianos”.

Essa proposta significa que aquilo que a Igreja tem conservado como seu patrimônio normativo e exclusivo deve voltar-se agora para o mundo, a fim de sublinhar ali seus traços e, ao mesmo tempo, oferecer subsídios para corrigir rotas e promover convergências. Uma religião, além da devoção a Deus, deve ir adiante, influenciando eticamente nas instituições humanas. Ao estudar a presença do pensamento reformado nas instituições do mundo moderno, tendo como pressupostos os princípios originais da Reforma que devem, como se diz, ser revisitados em profundidade, o Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie estará concluindo ou construindo aquela ponte entre a Igreja e o mundo.

REFERÊNCIAS

- BOOTH, Gordon. *William Robertson Smith: the scientific, literary and cultural context from 1866 to 1881*. Disponível em: <<http://www.gkbenterprises.fsnet.co.uk/wrs.htm>>. Acesso em: 20/01/2003.
- DUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.
- FRAZER, Sir James George. *O ramo de ouro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- HARNACK, A. Von. *L'Essenza del Cristianesimo*. Brescia: Queriniana, 1980.
- SCHLEIERMACHER, F. *On religion*. Nova York, 1958.